



A. CONAN DOYLE

AVENTURAS

DE

2

# SHERLOCK HOLMES

## O TERROR DE LONDRES



**Colecção Policial** (Publicação para adultos)

**2\$50**





A. CONAN DOYLE

## AVENTURAS DE SHERLOCK HOLMES

# O TERROR DE LONDRES

### I

#### Uma evasão misteriosa

EM frente duma das portas do antigo palácio real de Windsor, residência secular das famílias reinantes de Inglaterra, parou de madrugada um carro celular.

Esse carro, destinado ao transporte de presos, pertencia à delegação central de polícia, Scotland Yard.

Que motivos haveria para que semelhante veículo parasse em frente do palácio real? A tal pergunta a resposta não se fez esperar, porque, poucos momentos volvidos, abria-se o portão e apareciam alguns agentes escoltando um preso que imediatamente foi metido dentro do carro.

Um dos agentes preparava-se para subir por sua vez, quando um indivíduo que estivera até então observando o que se passara se

adiantou e em tom em que se reconhecia o homem habituado a mandar, disse:

— Se me não engano é o senhor Mucles, da quinta divisão, não é verdade? Não me conhece?

O agente, fazendo uma vénia, respondeu:

— Quem não conhece o senhor Holmes?

— Bem. Nesse caso, acrescentou o célebre criminalista, permita-me que lhe faça algumas recomendações. O preso que vai acompanhar deve ser cuidadosamente vigiado.

«É um bandido temível. Tenha muito cuidado com ele, senhor Mucles.

— Garanto-lhe que será bem guardado, senhor Holmes. Tenho ali mais dois figurões que trago de Sudistrickt, mas...

— Como? Leva mais presos na carruagem? Nunca fazem o que eu recomendo. Mandeí pedir um carro especial. Porque não fizeram o que eu disse?

— Em Scotland Yard deram-me ordem para vir aqui directamente, mas fui chamado da estação 83 e, como não havia outro carro disponível, tive de cumprir a ordem do inspector, trazendo os dois presos. Eis o que se passou, senhor Holmes.

— Está bem, o senhor Mucles cumpriu as ordens que recebeu. E agora não há remédio. Os presos estão algemados?

— Sim, senhor, e posso garantir-lhe que não quebrarão as algemas. Foi eu próprio que lhas pus.

— Nesse caso, parta. Aconselho-o mais uma vez a que tenha o maior cuidado e não se esqueça de que conduz um temível bandido, que conta inúmeras prisões e que não deixará de tentar evadir-se durante o percurso.

O agente fez continência militar, saltou para dentro do pesado veículo, onde ficou em pé, fechou com estrondo a portinhola do carro e ordenou depois ao cocheiro:

— Larga!

O carro partiu. Mucles sentou-se junto da porta. Tirara do cinto a sua pistola Browning, pronto a servir-se dela, caso fosse necessário, disposto a reprimir qualquer tentativa de evasão.

Era homem valente e destemido.

O veículo seguiu em direcção a Londres. Percorrera-se metade do caminho sem que os presos fizessem o mínimo movimento. A vigilância de Mucles afrouxou um tanto ou quanto, entreteendo-se o agente a contemplar através da porta gradeada a paisagem, que se desenrolava perante o olhar e os vapores de recreio que singravam o Tamisa.

Era um espectáculo encantador,

que lhe absorvia por completo a atenção.

Nesse momento, um dos presos trocou um olhar rápido com os companheiros. Ouviu-se um ruído seguido de um estertor.

Mucles voltou a cabeça, ao mesmo tempo que tomava a atitude de quem se prepara para qualquer eventualidade, embora a mais terrível. Suspeitando que se tratasse dalguma cilada, apertou com mais força a Browning.

Aquele que trocara o olhar com os companheiros, Norik Fieldertown, o terror de Londres, parecia ter sido acometido dum violento ataque epiléptico. Retezava-se-lhe o corpo, sacudido por fortes convulsões, e os olhos reviravam-se-lhe nas órbitas. Os dois outros presos olhavam-no, aparentemente tranquilos e admirados.

O agente hesitou um pouco entre o seu dever e os sentimentos de humanidade. Vencendo estes, curvou-se sobre o preso, a fim de lhe desabotoar o colarinho.

Nesse momento, o fingido epiléptico ergueu as mãos, cravando as unhas raivosamente no pescoço do agente. Surpreendido por um ataque tão brusco, Mucles perdeu um pouco o sangue-frio, pois tão longe estava de esperar tal ataque.

Tentou contudo resistir.

Num relance, viu que caíra numa armadilha e que precisava vencer o seu adversário, se queria salvar a vida.

Reunindo todas as suas forças, ia dominar aquele que o atacara, tendo já conseguido desprender uma das mãos que lhe seguravam o pescoço.

Mas um dos outros presos, levan-



tando um pé, deu-lhe uma forte pancada na cabeça.

Soltando um leve gemido, o agente caiu junto do adversário, o qual de novo lhe lançou as mãos ao pescoço, segurando-o com força, apesar dele se debater desesperadamente.

A resistência era, porém, baldada, o agente não dispunha da força que os seus potentes músculos lhe forneceria. Um último estertor e Mucles, após um brusco estremecão, ficou imóvel.

Estava morto.

\*

Os três prisioneiros olharam-se em silêncio.

— Bravo, seu valente! — disse um deles, quando, depois de largar a vítima, o assassino se pôs em pé — Foi *trabalhinho* asseado, não há dúvida. Não podia fazer melhor o seu papel. É um gosto ver *trabalhar* assim.

O outro acrescentou:

— E com que habilidade se livrou das algemas! Já muitas vezes o tenho feito, mas, com tanta arte, nunca vi.

Fildertown nada respondeu. Curvara-se de novo sobre o cadáver do agente e rebuscava-lhe as algibeiras. Encontrou sem dúvida o que queria, porque, levantando-se, aproximou-se da porta do carro e introduziu uma chave na fechadura.

Preparava-se para sair.

O preso que interviu na luta, auxiliando tão eficazmente o bandido, disse:

— Escute. Espero que, sendo um cavalheiro, se não esqueça do auxílio que lhe prestei e que tão bom

resultado teve. Se não fosse eu, com certeza não teria saído vitorioso da luta.

— Sim, é verdade — acrescentou o outro preso — Tinha graça se abandonava o carro sem que nós o acompanhássemos.

Fildertown, furioso, soltou algumas blasfêmias, replicando em seguida:

— Também trabalhei em proveito dos senhores. Examinei-lhe as algibeiras, mas não encontrei a chave das algemas.

O primeiro dos presos, Springhall, a quem os companheiros tratavam por Tom Beckler, objectou com mau humor:

— Note que não pertenço ao seu bando, apesar do seu *famoso* trabalho, e que sei perfeitamente que certas algemas só se abrem com as chaves pertencentes à Scotland Yard. Mas isso não nos importa. Auxilie-nos apenas a sair desta maldita caixa, e o resto é connosco. Não é verdade, meu caro Tomy?

O interpelado fez um sinal afirmativo.

Fildertown limitou-se a dizer:

— Não podemos sair neste momento. Conheço muito bem o sítio em que nos encontramos. Seríamos imediatamente *filados*. Eu os prevenirei quando chegar a ocasião oportuna.

E, sem acrescentar palavra, sentou-se junto dos companheiros. Tirando do bolso um charuto, acendeu-o.

— Ah! Perdão. Esquecia-me dos deveres de civilidade, o que não é de admirar depois do que se passou. São servidos? Ah, então?!... Não lhes chegam? Bem, aqui têm!

E, tirando dois charutos dum

maço que apresentara para os companheiros escolherem, meteu-lhos entre os lábios, acendendo-os em seguida.

Tudo isto fora feito com tanta cordealidade e delicadeza que os dois lhe lançaram um olhar de reconhecimento.

Poucas fumaças os bandidos tinham aspirado, quando as feições se lhes demudaram: olhos muito abertos, enormes, quase a saltarem das órbitas, fronte cheia de grossas bagas de suor, rosto pálido e cada-érico.

E ambos caíam daí a momentos sobre o banco, ao que pareciam inanimados. Os charutos tinham produzido efeito fulminante.

\*

O carro celular parou no pátio da delegação central de polícia, em Scotland Yard, na City. O cocheiro bateu na porta diversas vezes com o cabo do chicote, para dar sinal ao agente de que tinham chegado ao seu destino.

Nem o mais leve movimento dentro do carro.

Dois agentes aproximaram-se e bateram por sua vez na porta. Ninguém respondeu. Surpreendidos, outros agentes acorreram, pressentindo o que quer que fosse de terrível.

Finalmente a porta foi aberta e aos olhos dos que ali estavam deparou-se um espectáculo aterrorador. No interior do carro viam-se três cadáveres: o de Mucles e os de dois presos.

Fieldertown desaparecera: tinha-se evadido, sem deixar rasto.

## II

### O rapto da noiva

SHERLOCK HOLMES saiu do castelo de Windsor logo após a partida do carro celular e dirigira-se para sua casa, em Bakerstreet.

Apenas ali chegara, soou a campainha do telefone a perguntarem pelo criminalista.

— Aqui, é de Scotland Yard. E aí?

— Sherlock Holmes.

— É o senhor, mestre?

— Eu mesmo.

— Precisamos de si.

— Diga.

— Ouça, então.

E narraram o que tinha sucedido à chegada do carro.

Harry Taxon dera ordem à senhora Bonnet para que servisse o almoço. Qual não foi a sua estupefacção ao ver o mestre pôr o auscultador no decanço e dirigir-se precipitadamente para o seu quarto.

— Então, senhor Holmes, não vem almoçar!

— Não, meu rapaz, vamos sair imediatamente.

— Aonde vamos?

— A Scotland Yard.

— Há novidade?

— Pelo caminho te contarei.

E, enquanto mudava rapidamente de vestuário o criminalista murmurava:

— Há de ser Harry quem se encarregará do caso. A mim é que não me apanham. Não quizeram seguir os meus conselhos, que se avenham lá como quizerem. Parece que não sabiam com quem tratavam. Um bandido daqueles conduzido assim como um malfetor vulgar!

Apesar da má disposição que tal



indicava, dirigiu-se, acompanhado de Harry, para a delegação central da polícia.

Chegado aí, examinou minuciosamente os três cadáveres; reconstituindo a cena da evasão como ela se dera. O que lhe causou admiração foi o facto de Fildertown se ter assim desenvencilhado dos que o haviam auxiliado na luta com o agente. Onde adquirira ele os charutos envenenados? Porque se desfizera assim dos cúmplices? É porque meditava algum projecto terrível, dos que a sua fértil imaginação de criminoso lhe sugeria, e queria ser só ele a realizá-lo.

— Em que diabo pensara ele? — perguntava-se mentalmente — Em coisa boa com certeza que não é.

Decorreu uma semana. Ao fim desse tempo, a existência do bandido revelou-se por novas proezas. Em vários palácios, segundo era voz corrente, tinham sido praticados arrombamentos. Mas, facto de veras extranho! as vítimas não se queixavam. Porquê? Ao que se dizia, porque os roubos eram acompanhados de cartas ameaçadoras, impondo silêncio.

Toda a Scotland Yard se pôs em movimento. Mas nem ela, nem Sherlock Holmes conseguiram descobrir os autores de tais roubos e ameaças.

O pânico começava a reinar não só entre os membros da alta aristocracia, mas entre os opulentos negociantes da City.

Entre os que haviam recebido cartas de ameaça contava-se lord Jaime de Melbourn, um dos mais opulentos fidalgos de Londres. Não hesitara um momento. Entregara essas cartas a Sherlock Holmes e despresara as ameaças.

\*

Na noite em que prossegue a nossa narrativa, as janelas da frontaria do magnífico palácio do lorde, todo de precioso mármore, resplandeciam com a claridade. De todas as ruas convergiam ricas equipagens, conduzindo formosas damas da aristocracia, aparentadas na maior parte com o opulento lorde.

Em frente da entrada principal estendia-se uma longa fila de carruagens, que só uma a uma podiam entrar no pátio de honra. Os agentes que mantinham a ordem diligenciavam impor a sua autoridade a um *chauffeur* recalcitrante, mas um outro agente, que ia ao lado do *chauffeur*, disse aos seus colegas que deixassem entrar esse veículo, que conduzia um homem já de idade, vestido com simplicidade.

Uma vez dentro do pátio, esse homem apeou-se e, dirigindo-se a um criado, pegou-lhe num braço e disse:

— Sou o inspector Gordon, de Scotland Yard. Vá anunciar-me a lord Melbourn.

O criado replicou:

— Sua excelência não lhe pode falar. Talvez o secretário particular...

O inspector não fez caso da resposta e, empurrando o criado, atônito, galgou dum pulo a escadaria diante dos olhares admirados da criadagem. Indo direito ao gabinete de lord Melbourn bateu uma ligeira pancada na porta, e sem esperar que respondessem, entrou.

O lorde ficou estupefacto ao ver esse desconhecido. O intruso não aguardou que o interrogassem.

Fechando a porta cuidadosamente, disse em tom resolutivo:

—Sou o inspector Gordon, de Scotland Yard. Pediu para o seu palácio ser hoje vigiado atentamente durante o baile. Assim se ordenou. Há pouco fizemos, porém, uma descoberta importante e estou aqui a fim de que vossa excelência me acompanhe. Não há tempo a perder, os minutos são preciosos. Além disso, não se trata só da sua vida, mas da dos seus dois filhos. Queira acompanhar-me.

Lorde Melbourn replicou, mal humorado:

—Só tenho uma filha, Mauth, cujo enlace hoje se festeja.

—Sei què expulsou seu filho. Parece-me, porém, que a vida do mancebo...

O inspector foi interrompido pela brusca entrada do secretário particular do lorde, que, abrindo a porta de súbito, exclamou em voz ofegante:

—Perguntaram, pelo telefone, de Scotland Yard se o inspector Gordon estava com vossa excelência. Como eu respondesse que se encontrava aqui, em conferência com lorde Melbourn, uma pessoa que eu não conhecia, recomendaram-me que viesse imediatamente preveni-lo de que são esperados com impaciência. É caso urgente, ao que dizem.

Se o lorde duvidasse do que o visitante afirmara, as suas dúvidas teriam desaparecido ao ouvir aquelas palavras do secretário.

Ordenou:

—Mande preparar o meu automóvel, imediatamente — disse Melbourn.

—Tenho lá em baixo o meu, atalhou o inspector.

Lorde Melbourn desceu a escada com a maior rapidez, saltando para

o automóvel. Causou-lhe certa estranheza não ver o inspector subir também.

Viu Gordon ordenar ao *chauffeur*:

—Para Scotland Yard. Toda a velocidade!

O automóvel partiu como uma seta antes que o lorde tivesse tempo de indagar o motivo por que o inspector o não acompanhava.

Um quarto de hora depois, o veículo parava em frente do monumental edifício que é a delegação central de polícia de Londres. O nobre lorde apeou-se e entrou. Com grande assombro seu, soube que o chefe superior da polícia não estava no seu gabinete, nem mesmo no edifício. Soube ainda, cada vez mais admirado, que nem lhe tinham telefonado, nem o inspector Gordon fora ao seu palácio.

Ficou atônito.

Compreendeu que fora alvo duma mistificação, com qualquer fim criminoso, sem dúvida. Saiu em procura do veículo que ali o conduziria. O automóvel tinha desaparecido.

Dirigiu-se a casa de Sherlock Holmes, onde meia hora depois, chegava. Depois de ouvir o que se havia passado, o criminalista convidou-o a sair, seguindo no veículo que conduziria o lorde e que estava à espera.

Lorde Melbourn perguntou:

—Que lhe parece, senhor Holmes, o que lhe contei? Qual é a sua opinião?

—Era hoje que se assinava o contracto de casamento de *lady* Mauth, não é verdade?

—Sim. Deixei os meus convidados já no palácio, visto que supuz verdadeira a personalidade do inspector Gordon, confirmada de mais



a mais pelo qué o secretário me foi dizer.

«Não compreendo.

— Pois a primeira coisa que tem a fazer ao chegar ao palácio, é terminar com a festa.

O fidalgo olhou espantado o criminalista, sem compreender bem.

— Mas porque há-de a festa terminar? A esta hora com certeza que os convidados estão já todos e e seria uma falta de cortezia imperdoável da minha parte o despedi-los.

— Sim, mas é preciso atender a que quando se assina um contracto de casamento, creio que a principal personagem é a noiva. Se essa não está presente, o contracto não pode assinar-se.

Lorde Melbourn empalideceu extraordinariamente e, com voz balbuciante, trémula de comoção, erguendo-se do lugar onde estava sentado:

— Refere-se a minha filha...

Nada mais pôde dizer. Caiu como que aniquilado.

— É preciso ter coragem, lorde Melbourn. Os perigos devem ser encarados de frente.

— Mas, senhor Holmes, porque supõe que minha filha não esteja presente?

E lágrimas abundantes lhe correram ao longo das faces.

— Não é difícil de adivinhar. O lorde entregou-me a primeira carta em que lhe faziam ameaças, exigindo-lhe uma quantia importante. Não se trata duma tentativa isolada, como sabe. Na segunda carta exigiam-lhe o duplo da quantia primitivamente fixada, como castigo de me ter encarregado das investigações. E era acompanhada de ameaças, não só sobre a sua, mas

7  
ainda sobre a vida de sua filha, no caso das exigências não serem atendidas. Empreguei todos os esforços para encontrar o autor dessas cartas, sem resultado porém. Mas compreendo agora o insucesso das minhas diligências: procurava o inimigo fora, quando ele estava em sua casa.

«Os patifes faziam ameaças de morte, mas não creio que assim succeda. Que resultado tirariam do cumprimento da ameaça? O que principalmente querem é um bom resgate.

Lorde Melbourn perguntou, um pouco mais animado por aquelas palavras:

— Parece-lhe então que não há motivo para recear pela vida de minha filha?

— Pode estar sossegado a tal respeito. Quando fazem tais ameaças, não costumam derramar sangue. Lorde Melbourn foi atraído fora de casa, com o fim único de poderem raptar sua filha.

— Todavia custa-me a crer que isso se tenha dado. Como seria isso possível, estando o palácio cheio de convidados? A minha Mauth não é já uma criancinha, que se deixe agarrar sem custo. Não creio que se trate de um rapto.

Sherlock Holmes não redarguiu. O automóvel aproximava-se do palácio, parando daí a pouco.

O lorde apeou-se imediatamente, correu para a escada, perguntando ao primeiro criado que aí encontrou:

— Minha filha está recebendo os convidados, não é assim?

O interpellado abriu muito os olhos, mas nada respondeu.

Sherlock Holmes, olhando para o criado atônito, perguntou:

— Quando e com quem saiu *lady Mauth*?

— O inspector mandou um bilhete em que pedia que a *lady* acompanhasse o portador, e assim sucedeu. Ainda não voltou.

O lorde compreendeu. Sua filha havia sido raptada. Olhou para o criminalista, com os olhos marejados de lágrimas e pediu-lhe que empregasse todos os esforços para conseguir encontrar e libertar *lady Mauth*.

Sherlock Holmes mandou chamar a criada de quarto:

— O que sabe a respeito de sua ama?

— Tinha acabado de vestir a *lady* para o baile e esperava-se apenas o noivo, quando apareceu um agente com um bilhete de lorde Melbourn ordenando que *lady Mauth* seguisse o portador e fosse ter com o inspector.

— Esse tal agente entrou aqui?

— Não, senhor. *Lady Mauth* é que foi ao seu encontro.

— Ouviu o que disseram?

— Nem uma única palavra.

— Veja se se recorda, embora fosse a mínima palavra.

A criada afirmou que nada tinha ouvido e apenas vira o agente cumprimentar a *lady*, a que esta correspondera.

— Nada mais sabe então?

A interrogada respondeu que lhe causara desconfiança o ver *lady Mauth* esconder debaixo da capa um volumoso objecto.

O criminalista teve um sobressalto. Ordenou:

— Vá ao guarda-vestidos e verifique se aí falta alguma coisa. Veja também se estão todos os objectos no toucador.

### III

#### Novo mistério

**L**ORDE MELBOURN dirigira-se para o seu gabinete e mandara chamar o secretário.

Não foi encontrado, apesar de ninguém o ter visto sair do palácio.

Enquanto o criminalista interrogava a criada de quarto, o lorde interrogava toda a criadação, não obtendo, porém, resultado apreciável, visto que nenhum adiantava coisa alguma. Acabava ele de interrogar o último criado, quando Sherlock Holmes penetrou no gabinete.

Lorde Melbourn levantou-se e correu ao seu encontro exclamando:

— Descobriu alguma pista?

— Não se descobre assim uma pista com tanta rapidez, lorde.

— Para o senhor não há impossíveis.

— Obrigado, mas não há modo de encontrar a pista dos raptadores, pela simples razão de que não houve rapto. Sua filha, lorde Melbourn, não foi raptada. Abandonou voluntariamente o palácio. *Lady Mauth* conhecia os intuitos do falso inspector, aguardava o seu apaixonado e quando o lorde saiu acompanhou-o sem resistência.

Lorde Melbourn exaltou-se ao ouvir semelhantes palavras.

— É impossível o que diz.

— Pois é a pura verdade. *Lady Mouth* tinha colaborado no plano do rapto, chamemos-lhe assim.

— Como prova tal asserção, senhor Holmes?

— Por tudo quanto se passou. A facilidade com que fingiu acreditar num falso emissário e num falso bilhete, na própria noite em



que se devia assinar o contracto dos seus esponsais, e sobretudo o facto de levar o que quer que fosse debaixo da capa. Se não estivesse de accordo com o raptor, nada levaria. E se *lady Mauth* assim procedeu, o caso reveste outro carácter. Quer-me parecer que a fuga nada, absolutamente nada tem com as cartas de ameaça.

E, dizendo isto, Holmes preparou-se para sair. Nesse momento, depois de pedir licença, um criado entrou no gabinete, informando o lorde de que o porteiro afirmava que o secretário estava no edificio.

O criminalista quis averiguar o fundamento de tal asserção. Era um facto muito importante o saber se o secretário tinha ou não cooperado no plano da fuga da jovem e se contribuíra para que o lorde saísse no momento preciso, ou se havia também sido iludido na sua boa fé.

Restava-lhe ainda averiguar se, como desde princípio supozera, não seria o secretário particular o autor das cartas. O caso tomava agora outra feição. Quantos mais tratava à imaginação, mais se convenciu de que a saída da *lady* da casa paterna devia obedecer a um motivo ainda ignorado, e pediu ao lorde que mandasse chamar o porteiro.

Logo que estê appareceu, perguntou-lhe:

— Ao que se afirma, o senhor declara que o senhor Swintpaintner não saiu ainda do palácio. É isso verdade?

O porteiro olhou para o amo, como que a perguntar-lhe se devia responder àquella desconhecido.

— Sim, Nelson, o que tem que dizer? — disse lorde Melbourn.

Nelson respondeu:

— Afirmo que o senhor Swintpaintner se acha com certeza no palácio. Estive sempre junto do vestibulo e observei todos os que entravam e saíam. Lembrei-me de que os roubos ultimamente dados se têm sempre realizado durante as festas havidas nos palácios. Ao mesmo tempo vigiava a porta falsa e ninguém podia sair sem que eu o visse.

— Julga então que fosse impossível alguém sair sem o senhor dar por isso?

E lorde Melbourn acrescentou:

— Deve saber que o meu secretário tinha chaves das outras portas de saída, Nelson.

— Não ignoro essa circunstância, excelência, mas essas chaves hoje não lhe podiam servir.

— Porquê? — perguntou o lorde com interesse.

— Suspeitei de que entre o numerozo pessoal pudesse haver elementos pouco seguros ou mesmo cúmplices dos bandidos que têm aterrado Londres pela sua audácia. Quase à noitinha pus nalgumas portas cadeados fortíssimos, cujas chaves estão em meu poder. Esses cadeados estão intactos, logo não houve tentativa alguma de arrombamento. E nem de gazuas se podiam servir.

Lorde Melbourn ia objectar o que quer que fosse quando Sherlock Holmes o atalhou, dizendo ao porteiro:

— Procedeu muito bem, senhor Nelson — disse Holmes com verdadeira mestria. Mas, repito: tem absoluta certeza de que o senhor Swintpaintner não podia ter saído? Desfilou por diante de si tanta gente que era fácil não o ter visto.

— Pois posso afirmar-lhe que vi e examinei todos os que saíam. O criado Jaime, que fez serviço no vestíbulo, pode confirmar o que digo. Não saíu, com certeza.

— Está bem, pode retirar-se.

O magestoso porteiro olhou para o amo, como que esperando a confirmação daquela ordem.

Não reconhecia a autoridade do criminalista.

— Sim, Nelson, pode retirar-se — disse o lorde.

Apenas ficaram sós, Sherlock Holmes observou:

— Estou convencido de que este homem disse a verdade, isto é, que o secretário particular está ainda no palácio.

Lorde Melbourn redarguiu:

— E se assim é, no que não creio, o que tenciona fazer, senhor Holmes?

— Tentar descobri-lo. Primeiro, porém, vou tratar de saber se já veio resposta a alguns telegramas que expedi para diversos pontos. Depois, virei tratar de desencantar o senhor Swintpaintner. Só peço que se digne ordenar aos criados que me obedeçam.

— Porque não ordenou já que fossem vigiadas as gares e porque se não procurou ainda minha filha?

— Pela simples razão de que *lady Mauth*, no caso de sair da cidade, tomaria um automóvel e não um comboio.

Sherlock Holmes pegou no chapéu, dizendo:

— Demoro-me apenas uma hora, lorde Melbourn. Queira dar ordem aos criados para guardarem todas as saídas enquanto eu não voltar.

Saíu.

O lorde abandonou também o aposento.

\*

Mal se fechara a porta, uma grande estante pejada de livros, que ocultava uma das paredes do gabinete, pareceu mexer-se. A estante afastou-se, pondo a descoberto uma abertura de onde surgiu um homem alto.

Nada ouvindo de suspeito, dirigiu-se para a secretária.

Com uma pequena chave que tirou do bolso, abriu uma das gavetas, que começou a revistar com o maior cuidado.

Se lorde Melbourn tivesse visto aquele homem, tê-lo-ia reconhecido como sendo o seu secretário.

O bandido pois era realmente ele, murmurou a meia voz:

— Este cão danado, anda-me na peugada? Pois vais apanhar uma lição mestra, meu menino, e muito pouca sorte terei se desta vez te não inutilizar para sempre. Quanto a esse velho tonto, as coisas não correm mal, visto que estou de posse de todos os seus segredos. E que riqueza, que abundância! Ao menos nadarei em dinheiro, terei sacos e sacos de ouro.

Norik parou, escutou atento e, fechando a secretária, desapareceu pelo mesmo caminho por onde viera.

A estante voltou à posição anterior.

\*

Um minuto depois, entrava lorde Melbourn, que, sentando-se à secretária, ficou imerso em fundas meditações.

Decorrida cerca de meia hora, após uma leve pancada, a porta de novo se abriu, dando passagem a Sherlock Holmes.



— Sua filha está oculta em Londres, lorde Melbourn. Posso garantir-lhe o que afirmo. E em breve a descobrirei. Deu aos criados as ordens que eu desejava?

— Sim, e o meu pessoal sabe que lhe deve obedecer como a mim próprio.

— Bem. Nada mais é preciso. Aconselho-o a que vá deitar-se e tente dormir. Se houver alguma novidade, não se preocupe com o que ouvir. Fique sossegadamente no seu leito, que eu não saio e eu vigiarei atentamente. Pode ter confiança em mim.

Lorde Melbourn fez o que lhe era aconselhado. Dirigiu-se para o seu quarto de cama, deitou-se e tentou dormir, apesar das preocupações que lhe lanceavam o espírito. Esteve por mais duma hora desperto, mas fatigado pelas comoções sofridas, adormeceu finalmente.

#### IV

##### A cidade

AQUELE palácio, que horas antes resplandecia com o brilho das inumeráveis luzes, que se preparava para uma festa sumptuosa pouco depois da meia-noite estava imerso em funda escuridão.

Nos seus amplos corredores e não menos vastos salões não se via viv'alma.

Dir-se-ia estar deshabitada.

Que queria, dizer aquilo? Seria o palácio frequentado por fantasmas?

Do cubículo do porteiro saía um vulto que se encaminhou para o

portão principal. Depois, deslizando ao longo das paredes, foi certificar-se de que todas as portas de saída estavam bem fechadas, voltando em seguida.

Um raio de luz que sobre ele incidia quando se aproximou do portão principal pôs em destaque as feições enérgicas de Sherlock Holmes, que murmurara baixinho:

— Com os diabos, onde se teria metido Harry? Ser-me-ia da maior utilidade nesta conjuntura. Assim, sozinho, tenho de redobrar de precauções.

Subiu ao segundo andar. Que diferença entre aquele e o primeiro!

Ao passo que neste se ostentava um luxo principesco e todo moderno, naquele tudo cheirava a velharia. Corredores estreitos e cortados aqui e ali por escadas de dois ou três degraus revelavam uma construção mais que secular.

Ficava nesse andar o quarto do secretário particular, Swintpaintner, que tinha desaparecido. Por ordem do criminalista, esse quarto fora fechado e a chave fora-lhe entregue.

Cautelosamente, a passos furtivos, dirigiu-se para aí, abriu e entrou. Tornou a fechar a porta e, à luz da sua lanterna procurou o comutador. Uma onda de luz iluminou o aposento.

Junto da janela via-se uma secretária antiga e ao lado uma cómoda poltrona de largos braços.

Sherlock Holmes sentou-se na poltrona. De súbito teve um sobresalto. Os braços da poltrona tinham-se unido, prendendo-lhe o corpo.

Tinha caído numa emboscada. Atônito com o facto, o célebre criminalista compreendeu num relance o que se passava mas não perdeu o sangue-frio e forcejou por

se libertar. Talvez o conseguisse, se de súbito não surgisse na sua frente um homem.

\*

Como no gabinete de lorde se havia afastado misteriosamente uma estante de livros, aí, um grande guarda-fato moveu-se um pouco, dando passagem ao desaparecido secretário.

Com voz sibilante e desdenhosa, Swintpaintner exclamou:

— Foram satisfeitos os meus votos, senhor Holmes. Que lhe parece essa antiga poltrona, invenção dos nossos antepassados? Cómoda, não é verdade? Foi um verdadeiro achado que fiz quando andava em procura de velhos alfarrábios para satisfazer a mania do tonto lorde. Às vezes essas manias têm o seu quê de bom, como no caso presente. Mas estava muito longe de supor, então, que teria de me utilizar dela para pregar uma bela partida ao célebre polícia amador, Sherlock Holmes.

«Não se incomode, senhor Holmes. Pode acreditar que não conseguirá libertar-se desse carinhoso abraço sem conhecer bem, como eu conheço, a mola secreta.

Não ligando atenção àquelas palavras, o criminalista redobrava de esforços para se libertar.

Tinha quase a certeza de que conseguiria o que queria e realmente assim sucederia se o bandido de repente não corresse para ele e lhe não tapasse a cabeça com um pano, e tirando duma das gavetas da secretária um novelo de corda, com que começou a amarrar as pernas do criminalista.

Em seguida, impeliu num deter-

minado sentido as costas da poltrona, fazendo assim com que os braços se abrissem e o corpo de Sherlock Holmes ficasse livre da pressão que o constrangia.

Holmes levou imediatamente as mãos ao pano que lhe cobria a cabeça, para o arrancar, mas não pôde conseguir o seu intento, porque o bandido se arrojou sobre ele, amarrando-lhe também as mãos.

— Meu caro amigo, espere um pouco, que já lhe tiro o trapo. Dignou-se vir visitar o meu quarto, recebo-o com a maior delicadeza e cala-se? Julga-me porventura des-cortez?

«Fale sossegadamente, que o escutarei durante alguns minutos. É a última vez que nos vemos e nos falamos.

O bandido tirou o pano que cobria a cabeça do criminalista.

Este conservava-se como sempre lhe sucedera em análogas circunstâncias, impassível e sem perder a sua habitual fleugma.

Este medindo com um olhar desdenhoso, disse, acentuando bem as palavras:

— Sei, Norik Fieldertown, que caí nas suas mãos. Há muito que merece um severo castigo e esperava reduzi-lo hoje à impotência. Perdi a partida. Se alguma coisa me consola é a certeza de que não poderá sair do palácio sem ser preso. Os esconderijos que aqui há serão descobertos quando forem conhecidos os novos crimes que vai cometer.

«Tarde ou cedo, os crimes são expiados pelos que os cometem.

No rosto do terrível Fieldertown desenhou-se uma expressão diabólica.

— Muito bem, muito bem! Man-



dou então cercar o palácio e julgar-me seguro? Pois vou fazer-lhe uma confissão. Julgava-o até agora um homem inteligente e considerava-o um antagonista perigoso; vejo, porém, que é um grande estúpido, que a ninguém deve meter medo.

— Ah!

— Sim, um estúpido. Toda a gente apregoa o génio de Sherlock Holmes, mas, afinal, enganam-se.

— Porque?

— Pois é lá possível que um homem inteligente creia intimidar um criminoso astuto, impingindo-lhe as velhas histórias de palácios cercados e ter de expiar os crimes cometidos. Olhe, meu caro mestre, isso é bom para papalvos, tenho pena que não assistam testemunhas, para verem a limpeza com que Norik Fieldestown se vai desembaraçar do seu perseguidor e inimigo.

— Ainda o não está e talvez os papéis se invertam!

— Ora adeus! Tenho tanto a certeza do que afirmo como a certeza de que é hoje o seu último dia de vida.

— Talvez se engane!

— Não engano, não. Repito-lhe: é hoje a última vez que nos vemos e nos falamos.

— Pois eu creio que ainda nos havemos de encontrar e que serei eu quem então assim falará.

— Suave ilusão, que só a morte desfará. Não quero, porém, precipitar os acontecimentos. Vai ver o que vou fazer e depois me dirá que tal lhe parece o meu trabalhinho, e soltou uma gargalhada.

— Ria, ria, Fieldestown! Olhe, não se transforme o seu riso em lágrimas.

— Tal não sucederá, afirmo-lhe.

Colocando-se por detrás da poltrona, sacudi-a com violência, fazendo assim com que o criminalista rolasse para o chão.

Agarrando-o depois pelo pescoço, arremessou-o para o meio do quarto.

Dirigindo-se em seguida a um pequeno armário, começou a tirar daí diferentes objectos.

Sherlock Holmes, que não o perdia de vista, viu, aterrado, o que o patife se dispunha a fazer.

Viu-o tirar pólvora, uma vela e enxofre, colocar aquela sobre a secretária e começar a preparar rastilhos em vários pontos.

Fieldertown reparou em que Holmes examinava os preparativos que ele fazia e exclamou:

— Admira-se do que estou fazendo, não? Sou homem cauteloso. Supõe que vai direitinho para o céu, acompanhado pelo lorde Melbourn? Podia, realmente, assim proceder, simplificando as coisas. Mas quero cuidar dalgumas particularidades, dando-lhe ainda uma pequena alegria. Acenderei a vela, que levará duas horas a arder e que, ao extinguir-se, comunicará fogo aos rastilhos. Terá, assim, muito tempo para se preparar para morrer. E ainda tem morte melhor do que a que merecia, maldito espião!

Proferidas estas palavras, desapareceu, depois de acender a vela e de novo tapar a cabeça do criminalista.

Sherlock Holmes estava imóvel no chão, amarrado de pés e mãos, sem poder soltar um grito.

E em cima da secretária, no meio da pólvora, a vela ardia.

Teria soado a última hora do célebre polícia? Iria morrer assim, ingloriamente, aquele que fazia tremer os mais audaciosos criminosos?

## V

**O assassinio do lorde**

Os transeuntes aglomeravam-se em frente duns cartazes afixados numa das ruas de Londres. Devia ser acontecimento de sensação o que assim excitava a curiosidade pública.

Efectivamente, o cartaz era sensacional. Dizia assim:

*O alto governo de Sua Magestade louvará e dará duzentas libras a quem denunciar o autor das cartas de ameaça que foram dirigidas a alguns lordes desta pacífica cidade de Londres, com o fim de lhes extorquir dinheiro. O que se confessar autor de tais cartas terá a benevolência de Sua Magestade e não sofrerá castigo algum. Não obterá, porém, a recompensa prometida.*

*Dado no ano de 19...*

*O lorde maior de Londres.*

Alguns censuravam ásperamente os malvados que ousavam ameaçar pessoas de bem, outros sorriam e comentavam a passagem em que se convidava os criminosos a denunciarem-se.

O que era certo e inegável é que os bandidos haviam encontrado um novo processo de arranjar dinheiro.

E sem risco.

Na minha opinião, dizia um cavalheiro elegantemente vestido aos companheiros que o rodeavam, os nossos bons amigos de Scotland Yard não passam de toupeiras. Há semanas que reina o pânico entre a

aristocracia de Londres, e a polícia nada descobre. Meu pai recebeu uma linda carta, não haja dúvida.

— Também meu pai recebeu uma carta de ameaças — exclamou outro.

— Na dirigida a meu pai — retorquiu o que primeiro falara — avisam-no de que morrerá se não enviar a determinado sítio a quantia de mil libras e se ousar reclamar o auxílio da polícia.

— E o que fez ele?

— Cómica pergunta! Que há-de fazer lorde Melbourn, senão mandar o dinheiro para o lugar indicado?

«Está bem de ver!

— Parece-lhe isso? — perguntou o primeiro, que era filho de lorde Melbourn — Pensa então que os Melbourn, são poltrões?

O que fizera a observação, o jovem lorde Paddington, preparava-se para retorquir, quando outro atalhou:

— Lorde Melbourn não entregou a quantia exigida e ainda vive? Isso vem demonstrar que as ameaças contidas nas cartas não passam de simples fanfarronadas.

Lorde Paddington perguntou:

— Seu pai entregou as cartas à polícia?

— Não lorde. Confiou-as a Sherlock Holmes.

— E nada se descobriu? E' extraordinário! — comentou um outro do grupo — Esse homem, exímio na profissão, trabalha habitualmente com rapidez e decisão.

— Parece-me, meu caro Mackenzie, que a nossa polícia não é tão má como a pinta, visto que esse próprio criminalista nada conseguiu ainda, e, em tal caso...

A conversa foi interrompida por



um jovem, que, tendo-se apeado de um automóvel, correu para Melbourn, dizendo-lhe:

— Há muito tempo que devia estar em casa, Melbourn. Seu pai foi assassinado esta manhã e sua irmã desapareceu.

Melbourn cambaleou, tendo os dois companheiros de o ampararem.

Todos os membros do grupo sentiram um estrechimento de angústia.

Lorde Paddington perguntou ao que viera trazer aquela terrível notícia:

— É verdade o que disse, Gloucester?

O interpelado não respondeu.

Aproximara-se de Melbourn e, amparando-o, ajudava-o a entrar para o veículo que ali o trouxera e que imediatamente se pôs em marcha.

Depois, voltando-se para os circunstantes:

— Perguntou-me se era verdade, Paddington? Permitir-me-ia eu o agradecer com semelhante notícia? Infelizmente, ainda há a acrescentar mais uma perda maior.

— O que foi, Gloucester? Aconteceu alguma coisa a algum dos membros da sua família? Quem foi então?

— Quem? Todos os que estão presentes sabem muito bem que há cinco anos corri os maiores perigos, estando em risco de perder não só a vida, mas ainda a honra, e que nessa ocasião me valeu um único homem.

— Quer então referir-se a Sherlock Holmes, Gloucester?

— Sim. O grande criminalista foi assassinado a noite passada.

Pela rua High, em Whitechapel, corria açodado um homem de grande corpulência, atravessando os numerosos grupos que se formavam em todas as direcções. Duma janela dum rés-do-chão saíram gritos selvagens. De quando em quando distinguia-se também a letra duma canção e uma música desafinada.

Das tabernas, numerosas naquella bairro, saía um cheiro nauseabundo de aguardente e tabaco.

A porta duma dessas abriu-se de súbito, surgindo à entrada um maltrapilho, o qual de dois pulos se encontrou no meio da rua.

A porta fechou-se, recolhendo-se os que o empurraram, e quando ele de novo, quis entrar, ouviu-se correr um ferrolho.

O homem de que acima falamos dirigiu-se para o que tinha sido expulso da taberna.

— Então, amigo, parece que lá dentro não querem a sua companhia. Porque teima em querer dar o seu dinheiro ao taberneiro? Há mais tabernas.

O interpelado fitou o que lhe falava com um olhar em que se lia a mais profunda embriaguez e, proferindo uma blasfémia, redarguiu:

— Vá para o diabo e não se importe com a vida dos outros.

— Não gosto de me intrometer na vida alheia, mas custou-me vê-lo maltratar. Queria convidá-lo a ir beber comigo um copo de *brandy*.

O bebedor, ao ouvir falar em beber, mudou de atitude.

— Ah! Não é deste bairro, não é verdade?

Antes que Fieldertown, pois era esse bandido quem lhe dirigia a pa-

lavra, pudesse dar uma resposta, o ébrio continuava:

— Tem dinheiro?

Os olhos do bandido cintilaram. Respondeu em tom desdenhoso:

— Se tenho dinheiro! Julga que convido um amigo para beber sem ter para pagar a despeza? Se tem juízo, venha daí, pois dois ou três copos de *brandy* não fazem mal.

O ébrio, de súbito, num arranço, atirou-se contra Fieldertown, jogando-lhe socos atrás de socos. Devido à sua resistência o agressor perdeu o equilíbrio e caiu.

Fieldertown saltou sobre ele e ajoelhou-se-lhe sobre o peito.

— Oh, não fizemos nenhuma aposta! Se pensavas que tinhas na tua frente um covarde enganaste-te redondamente. Devia punir a tua malvadez com uma boa recompensa, mas como estou com pressa prescindo. Agora, vamos beber um copo de *brandy*! Anda daí.

O ébrio resmungou algumas palavras ininteligíveis, ergueu-se e encaminhou-se para a taberna mais próxima.

Ia a desaparecer no corredor que conduzia à sala da taberna, quando se sentiu puxado pela manga do casaco.

— Não beberás nada. Estou aqui apenas para espiar. Já aqui vim, mas, com a escuridão que está preciso dum guia, que vais ser tu. Se tens vontade de beber, mais tarde satisfarás o teu desejo. Agora, preciso andar com a maior rapidez. Não posso perder tempo. Ficar-te-ei reconhecido, caso o *cão* abra com rapidez, ao ouvir o sinal combinado. Não devias ir aí, pois nesta taberna não entram pessoas desconhecidas.

Ao dizer isto, Fieldertown olhou

cautelosamente para todos os lados e, murmurando algumas palavras em voz baixa, levou a mão direita à palpebra do olho esquerdo.

Ao ver tal sinal, o ébrio pareceu ficar dominado, mas replicou um tanto altivo:

— É um dos nossos e não conhece o caminho? Quer fazer dos outros estúpidos, ou imagina que me ilude?

«Vá para o diabo.

E tentou afastar-se. Mas Fieldertown disse-lhe ao ouvido algumas palavras, que o fizeram dar um salto. Inclinando-se como se estivesse na frente do seu senhor, murmurando com voz trémula:

— Siga-me, não é longe.

E saiu para a rua, em companhia do bandido.

Momentos depois estavam em frente duma tasca, em cuja porta de entrada se via uma tabuleta que tinha pintada um grande cão.

— É aqui — murmurou ele, convidando-o a penetrar num lôbreco corredor.

Dados aí alguns passos, ia a retirar-se parecendo ter esquecido o convite que lhe fora dirigido para beber.

Não teve, porém, tempo de o fazer, porque Fieldertown, tirando um punhal do bolso, cravou-lhe o no coração com mão certa.

O ferido caiu, soltando apenas um ligeiro e fraco gemido.

Inclinando-se para o morto e arrastando-o para um lado do escuro corredor, o criminoso murmurou:

— Viu-me sem máscara e, por isso, tinha de desaparecer. A terra te seja leve.

E o sinistro bandido soltou uma pequena gargalhada de zombaria.



\*

Enquanto este drama se consumava no corredor que dava ingresso à taberna, no interior passava-se uma cena não menos digna de registro.

Abancados a uma comprida mesa viam-se alguns homens de fisionomia patibular, jogando e falando em voz alta.

De todos os que ali dentro se encontravam o mais ascoroso, sem dúvida, era o taberneiro. Tinha uma cara em tudo semelhante ao focinho dum cão. Andava servindo os fregueses, sem parecer ouvir nada.

A conversação foi gradualmente diminuindo de intensidade, mas um observador atento não deixaria de notar que os ânimos estavam excitados.

Nesse momento entraram na taberna mais fregueses, que ficaram em pé junto do balcão. Mostravam-se inquietos, escutando o que se dizia em volta da mesa.

Ao que parecia, um homem alto, espaduado, denotando possuir força pouco vulgar, era o chefe do grupo e dizia em tom resolutivo.

— Será mais fácil Old Tom esfolar-me vivo do que eu continuar a servir como até aqui tenho feito. Não quero, e estou no meu pleno direito de assim proceder. Qual de nós será tão louco que o faça? Que ganhamos nós desde que nos achamos debaixo das ordens desse indivíduo que oculta o rosto com uma máscara? Que parte tivemos nos famosos roubos que tanto têm alarmado a cidade? Quem foi que teve a parte do leão? Ele, e só ele.

— Estás doido, Tom Spratley — observou um dos circunstantes — Que éramos nós antes de estarmos

sob as suas ordens? Uma quadrilha de miseráveis gatunos, ladrões de ocasião, salteadores de rua, tristes burlões, havendo apenas um ou outro mais ousado. Que obtínhamos quando lográvamos praticar algum feito mais importante? Éramos nós que tínhamos a parte do leão, ou os nossos bons *amigos*, os receptadores?

Lançando um olhar significativo ao estalajadeiro, continuou:

— Qual de nós pensaria na possibilidade de fazer colheita nos palácios dos ricos, providos de todos os meios de defesa? Apareceu, porém, o chefe, falou-nos nisso como numa coisa facilíssima e o certo é que temos trabalhado com a maior limpeza e sem a menor dificuldade. Sabem perfeitamente como ele tudo ordena, como dirige tudo, sem deixar de atender à mais pequena circunstância.

— Sim, defendes aquele que nos manda, porque lhe pertences de alma e corpo — atalhou Tom Spratley.

O que tinha falado redarguiu:

— Suponhamos que é assim. Que têm que dizer? Concordo em que fosse ele que ficou com a parte do leão, mas, apesar disso, não estamos pior do que dantes? É ele quem se encarrega de vender os objectos roubados e nós não temos nem trabalho nem riscos, recebendo a nossa parte.

Alguns dos circunstantes fizeram um gesto de aprovação.

Tom Spratley replicou:

— Gehenkter, és tu, com certeza, o espião que põe o chefe ao facto de tudo.

E, soltando uma impreciação em que se revelava o ódio, um ódio fe-

roz, arremeçou-se contra o suspeito espião.

O taberneiro, porém, empunhadas garrafas, clamou em tom mais parecido com o rosnar dum cão do que com a voz dum homem.

— Se não estão quietos, atiro-lhes com estas garrafas à cabeça e depois só do chão é que poderão beber. Não quero aqui *chinfrim* — disse o taberneiro.

— Ouçam o que o cão diz — exclamou Tom Spratley, designando assim o taberneiro — Desde que o mascarado começou a dirigir a nossa sociedade, esse maldito espião roja-se-lhe aos pés.

E, sem mais se importar com Gehenkter, voltou-se para os companheiros.

— Se querem ser um rebanho de ovelhas e comer pela mão do mascarado fiquem. Eu é que não fico e quem quiser que me siga.

Tais palavras calaram no ânimo de alguns, que bradaram:

— Tom tem razão. Trabalhemos só para nós e o que alcançarmos será só nosso, não tendo de o dividir com ninguém.

— Eu vou.

— Eu também.

— Vamos todos! — exclamaram um por um.

Mas de súbito uma voz trovejante se ouviu:

— Quem é que se atreve a sair daqui sem minha licença?

O efeito destas palavras foi fulminante.

Todos se voltaram para o sítio de onde a voz tinha partido.

Em pé, junto do balcão, estava um homem de elevada estatura, com o rosto oculto por uma máscara, os braços cruzados sobre o peito, imóvel como uma estátua.

O mascarado avançou alguns passos, ficando em frente dos que tinham mostrado veleidades de revolta.

— Quem é que sai daqui sem minha licença? — repetiu ele.

O efeito dessa voz fez-se sentir imediatamente sobre os que ali estavam. Todos ficaram silenciosos, não se atrevendo nenhum a dar resposta.

Só Tom Spratley, avançando, se inclinou diante do mascarado e disse:

— Se mo permite, eu, Tom Spratley, quero ser livre e não quero continuar a servir sob as ordens dum desconhecido. Expus aos companheiros as minhas razões. Mas são cães que rosnam só de longe e que se calam logo que avistam o dono.

Tom Spratley falava com animação, avançando alguns passos.

Os braços do mascarado abriram-se, o direito teve um pequeno movimento, refulgiu um punhal e Tom Spratley caía, atingido em pleno peito por uma violenta punhalada.

Rolando por terra e jorrando abundante sangue do mortal ferimento, o infeliz soltou um grito de agonia.

— É o primeiro. Qual de vocês deseja ainda sair? — perguntou de novo o mascarado com voz baixa e soturna.

Todos se entreolhavam atônitos, contemplando o que tinha sido ferido.

— Levem o cadáver desse desobediente e apressem-se, que lorde Melbourn festeja esta noite os esponsais de sua filha. O taberneiro lhes indicará o lugar já por mim indicado.

Depois fez um sinal ao taberneiro



que o acompanhou a uma pequena sala contígua.

— Tiveste alguma resposta? Chegará aqui esta noite uma senhora, para quem prepararás o melhor quarto. Nades disfarçar-se-á em padre e os rapazes guiar-te-ão ao sítio determinado. Irão para lá pelo corredor subterrâneo, devendo ficar na escada secreta à minha espera. Torno-te responsável pelo cumprimento das minhas ordens. Trata-se duma presa importante. Foram expedidas mais as quatro cartas que te mandei?

O mascarado proferiu estas palavras em tom autoritário. O taberneiro inclinou-se e respondeu com humildade:

— O plano será observado à risca, as cartas foram entregues, mas parece que não estão muito dispostos a cair com o dinheiro. O tal Melbourn tem mostrado não temer as ameaças e se nada lhe suceder os outroa nada darão.

— Asseguro-te que amanhã já ninguém se rirá das minhas ameaças. Procura-me um guia, porque não vejo bem com esta escuridão.

O taberneiro desapareceu, voltando daí a momentos acompanhado por um dos membros da quadrilha.

## VI

### Harry Taxon em cena

ENQUANTO Sherlock Holmes se dirigia, como vimos para o palácio Melbourn, o seu ajudante tratava de desempenhar um serviço de que, semanas antes, o mestre o incumbira.

Mercê dos seus esforços e do seu

ânimo que não fraquejava mesmo nos insucessos, lograra fazer uma descoberta importantíssima.

Numa das ruas mais importantes de Londres, Harry descobrira um consultório dentário indicado por uma tabuleta que ocupava metade de um primeiro andar. O dentista, de nome Dringsdaale, conseguira tornar-se conhecido e arranjar uma boa clientela entre as senhoras da alta aristocracia, podendo assim viver à larga.

Entre os clientes figurava Harry Taxon, que conseguira obter certos pormenores acerca do dentista, que muito o interessaram, e que o levaram a convencer-se de que ele fazia parte da quadrilha que ultimamente aterrava Londres com as suas proesas.

Harry pôde saber que o dentista se entregava a experiências hipnóticas sobre os doentes. Constatou, após inúmeras cancelas, que em todos os palácios onde se tinham dado roubos havia senhoras, suas clientes.

Nunca mais o perdeu de vista, seguindo-o sempre quando ele saía, chegando à conclusão de que o dentista desempenhava um papel duplo. Só saía de noite, dirigindo-se sempre para os bairros onde dominava o bandoleirismo. De noite, também, recebia visitas suspeitas.

Harry, convencido de que o dentista era um dos membros da quadrilha, resolveu entrar lhe em casa, logo que se lhe proporcionasse ocasião, a fim de ver se fazia alguma descoberta importante.

Tal ocasião só se lhe ofereceria quando o dentista saísse de casa. E Harry tinha de esperar ainda que o criado saísse também.

\*

Por baixo do consultório dentário havia uma farmácia e, contígua, uma drogaria.

No momento em que falamos, numa das dependências desta última dois rapazes estavam empregados em fabricar matérias explosivas, fabrico que, como se sabe, é proibido por lei e a que só se pode proceder fora da cidade.

— Se o patrão aparecesse agora e nos surpreendesse, dar-nos-ia uma reprimenda mestra — disse um dos rapazes, ao mesmo tempo que batia a mistura que tinha no almofariz.

— Ora adeus, não se atreveria a dizer-nos nada — respondeu o outro rindo — Depois de nos lavarmos com terebentina, nada fica que mostre o que estivemos a fazer. De resto, é por ordem do gerente que aqui estamos.

— É verdade. Tenho vontade de fumar, mas agora não posso, porque tenho medo dalguma explosão.

\*

Enquanto os dois assim conversavam, Harry subira ao primeiro andar. Vira sair o dentista e, quase logo após este, o criado. Subira a escada com rapidez e ao chegar à porta do dentista abriu-a com o auxílio duma gazua.

Entrou.

Uma vez dentro de casa, percorreu-a, indo finalmente ter ao quarto de cama de Dringsdaale, onde viu uma secretária.

Servindo-se dum dos instrumentos de que andava sempre munido, abriu-a com facilidade e acabava de encontrar provas evidentes da

culpabilidade do dentista, quando de súbito uma voz soou vinda do lado da porta.

— Então, senhor Harry Taxon, deu no vinte?

Harry como que impellido por uma mola, voltou-se ao ouvir tais palavras. Recuou, assombrado, ao ver o dentista, que o fitava com um olhar desdenhoso e insolente.

— Então, meu rapaz, embuchaste? Porquê? Cuidavas, que eu não havia notado a tua espionagem e que não sabia que és ajudante de Sherlock Holmes?

E em tom ameaçador, ao ver que Harry levava a mão ao bolso:

— Não metas aí a mão. Deixa-te de tiros que para nada servem e que quero evitar. Julgavas então que me apanhavas de surpresa e que entrarias livremente aqui, na minha casa? Não pensavas que eu voltasse tão depressa, hein? Sim, sim, meu amigo, a gente tem sempre que aprender, mesmo quando se trata de ajudantes de Sherlock Holmes. É o que no caso presente sucede.

Harry tentou aproveitar aquele momento para se escapar, mas Dringsdaale agarrou-se a ele e arremessou-o brutalmente ao chão.

— Imaginavas, que a fuga seria fácil? Enganas-te. A tua vida de espião vai acabar. E vamos tratar disso sem demora.

E o dentista, tirando uma delgada corda de um dos bolsos, apertou-a em volta do pescoço do desventurado Harry e começou a puxar lentamente.

Harry resistia com quantas forças tinha, mas nada podia contra o colosso que o dominava.

Os olhos saíam-lhe das órbitas, a boca abria-se-lhe desmedidamente,



as faces começavam a tomar uma cor arroxeada.

Os sinais de asfixia eram já visíveis e parecia evidente que coisa alguma poderia salvar Harry Taxon, o jovem e inteligente ajudante de Sherlock Holmes.

## VII

### Entre Scylla e Carybdes

**D**EBALDE Sherlock Holmes pensara em se libertar da terrível situação. Tinha sido amarrado com tal perícia que impossível lhe era fazer o menor movimento. O pano que lhe envolvia a cabeça quase o asfixiava.

A vela continuava a arder, aproximando-se a chama mais e mais da pólvora.

O criminalista perdera já toda a esperança de salvação. Quem lhe poderia acudir?

Pareceu-lhe de súbito ouvir vozes no corredor secreto por onde Fieldertown tinha desaparecido.

Aplicando o ouvido, convenceu-se de que ali próximo havia gente. Diligenciou de novo libertar-se dos laços que o manietavam. Não restava dúvida de que o bandido era emérito na arte de amarrar alguém, porque, quantos mais esforços o criminalista fazia, mais dolorosos se lhe tornavam os sofrimentos causados pelas corda.

Efectivamente o criminalista não se enganava.

No corredor secreto, que comunicava com o gabinete do lorde, os subordinados de Fieldertown esperavam que passasse a hora mar-

cada para entrarem no quarto do secretário particular do lorde.

Eram ao todo oito homens, a quadrilha completa, que lhes causou admiração, porque, até aí, o chefe nunca fora auxiliado em empresas semelhantes por mais de dois ou três dos filiados.

E à admiração causada por tal facto acrescia ainda uma circunstância que infundiria verdadeiro receio ao chefe da quadrilha, se dela tivesse conhecimento.

O taberneiro tornara-se seu inimigo mortal havia pouco mais duma hora.

Ao sair da taberna, Fieldertown ordenara ao taberneiro que fosse recolher o cadáver dum maltrapilho que estava no lôbrego corredor, maltrapilho a quem ele dera a morte por se lhe tornar incômodo. Dissera aquilo com a maior indiferença, pois para ele nenhum valor tinha a vida humana e as suas vítimas tinham sido inúmeras.

Que lhe importava mais um maltrapilho?

O taberneiro apressara-se a obedecer. Mas ao ver a vítima à luz da lanterna com que se alumiaava, soltara um grito de horror e de raiva. O assassinado era seu pai. Tudo quanto na sua alma de vil celerado havia ainda de sentimento revoltou-se.

Levou o cadáver para um alpendre que ficava nas trazeiras da taberna, mas fez o juramento de tirar solene vingança.

Se Fieldertown tivesse ouvido esse juramento, ter-se-ia acautelado. Estava, porém, longe de supor tal coisa. E de mais a mais tinha formado o plano de se desembaraçar de uma vez para sempre de toda a quadrilha.

Fora para isso que ali mandara reunir todos os filiados.

Os minutos decorriam sem que a porta se abrisse. Os celerados estavam impacientes. Um deles disse de repente:

Diabos me levem se eu fico aqui mais tempo à espera dessa maldita ratazana. Por força que imagina que está a tratar com crianças e não com homens como nós somos.

O taberneiro, esse não falava, procedia. Tacteu a parede e encontrou o maquinismo, que pôs em movimento, carregando com toda a força sobre ele.

Um pedaço da parede afastou-se, deixando a descoberto o guarda-fato que se via no quarto de Swintpain-tner.

Os companheiros olharam, admirados. Entraram no quarto. Feriulhes imediatamente a vista o vulto estendido no chão, a vela ardendo no meio dum monte de pólvora.

— Compreendem o que o chefe queria fazer? — perguntou o taberneiro com um sorriso hediondo, que mais se assemelhava a uma careta.

— Não é difícil de compreender — replicou um dos bandidos. É claro como água que tem qualquer plano importante e que quer colher sòzinho todos os benefícios. Trouxe-nos aqui e mandou-nos esperar, com o fim de nos fazer ir pelos ares.

«Preparou-nos uma armadilha. Tom Spratley tinha razão. Cá pela minha parte, pode contar com a minha boa vontade. Se o apanho, esgamo-o.

— Apaguem primeiro a vela, ordenou, autoritário, o taberneiro.

E voltando-se para o que falara:

— Vejo que estás decidido a vin-

gar-te, Roter. Queres juntar-te comigo?

— Contigo? Pois se tu lhe és dedicado como um cão!

— À fé de quem sou, que não! Juro-o pela minha honra de bandido que os auxiliarei em tudo e que não descançarei enquanto não tirarmos solene vingança desse patife que nos queria matar assim tão covardemente.

«Vamos agora ver quem é que está aí estendido no meio do chão.

Curvou-se sobre o criminalista e tirou o pano que lhe envolvia a cabeça.

Mas ergueu-se imediatamente, saltando uma exclamação de assombro:

— Sherlock Holmes! Não me enganarão os meus olhos? Como veio aqui parar senhor Holmes? Ter-nos-íamos nós enganado e seria para matá-lo e não a nós que ele teria disposto assim as coisas?

— Ora, adeus — disse Roter — se ele quizesse só desfazer-se de Sherlock Holmes, tendo-o assim à sua disposição, sem se poder defender, com uma punhalada tudo estava liquidado. Queria desfazer-se dele e ao mesmo tempo de nós.

— Tens razão, não tinha pensado ainda bem.

Dirigindo-se aos companheiros.

— Levem-no lá para casa, que é uma boa presa que fazemos.

— E tu — perguntou um dos bandidos.

— Tenho aqui que fazer. Vão. É ainda tempo para aproveitarmos o plano que o chefe tinha ideado. Vocês vão ver que lindo *prato* eu lhe sirvo.

O criminalista foi de novo amordaçado e conduzido para o corredor secreto.



Correndo à porta, por onde os companheiros tinham saído, o taberneiro fechou-a com cuidado. Depois dirigiu-se à secretária, que abriu. O que ali via fê-lo exclamar:

— Tem de morrer, por força!

Dirigiu-se para a escada secreta, desceu-a, encontrou uma alavanca, que fez girar. Encontrou-se no quarto de cama de lorde Melbourn. Recuou aterrado ao ver que o ancião jazia no pavimento banhado em sangue.

\*

Norik Fieldertown, depois de se ter evadido do carro celular, tivera artes para se insinuar no ânimo de lorde Melbourn e se fazer admitir como seu secretário particular.

O seu espírito irrequieta e propenso ao mal não se dava, porém, bem com aquela situação que tantos outros invejariam. De combinação com outro temível facinora urdira um plano diabólico. Disfarçado e sempre mascarado era o chefe duma quadrilha como já vimos, enquanto o seu cúmplice se apresentava como médico afamado e arquimilionário, o doutor Quagglelas.

O rico australiano conseguira ser recebido nos salões da melhor sociedade londrina, podendo assim conhecer pormenores dos palácios que tencionavam assaltar.

Um dos processos empregados pelos bandidos era o das cartas ameaçadoras. O único a conhecer esse segredo era o taberneiro.

Dringsdaale, o tesoureiro da sociedade, julgava ser o chefe e dominar Fieldertown, mas enganava-se redondamente.

Era ele que convertia os companheiros em dóceis instrumentos e

depois, quando já não necessitava deles, os aniquilava.

Julgava ter atingido o alvo que se propuzera e planeava fechar a série dos seus crimes, raptando e casando com a filha do lorde, que, destinada por seu pai a um outro com quem não sympathizava, dera ouvidos às ternas palavras de amor que lhe murmurara o secretário Swintpaintner e com ele combinara fugir na própria noite em que seriam anunciados os seus esposais.

Fieldertown, como sabemos, ordenara ao taberneiro que preparasse o melhor quarto que tinha para alojar uma senhora. Seria aí que um antigo sacerdote, que passara algum tempo numa penitenciária e mais tarde se tornara assíduo frequentador de Whitechapel, celebraria o casamento.

\*

Voltemos ao palácio Melbourn.

O taberneiro, depois de verificar a morte do lorde, voltou ao aposento do secretário, acendeu de novo a vela e desapareceu, apagando todos os vestígios da sua passagem.

No velho solar manifestou-se daí a momentos um violento incêndio, que destruiu por completo o edifício. Os criados, acordados em sobressalto, só puderam salvar-se fugindo.

Quando os bombeiros acudiram fizeram uma descoberta terrível: o dono do palácio estava morto. E verificou-se que tinha sido apunhalado antes de se declarar o incêndio.

Por tal motivo, foram chamados os agentes de Scotland Yard, que, procedendo a indagações e investi-

gações, souberam pela criadagem que Sherlock Holmes ficara nessa noite no palácio.

Como o genial criminalista não aparecia, supoz-se que tinha sido ou assassinado pelos bandidos que haviam matado o velho lorde, ou vitimado pelo incêndio.

Enganavam-se, porém.

### VIII

#### Salvamento miraculoso

HARRY TAXON estava quase morto. Dingsdaale não cessava de apertar a corda que cingia o pescoço do jovem.

De súbito ouviu-se uma tremenda detonação, o prédio foi abalado até aos alicerces, as janelas arrancadas dos gonzos e projectadas para a rua. O tecto do aposento abriu largas fendas, ameaçando sepultar sob as suas ruínas os dois antagonistas.

Harry Taxon e Dringsdaale jaziam estendidos sem movimento, um ao lado do outro, pálidos como dois cadáveres.

Quase à mesma hora em que o palácio Melbourn era devorado por um incêndio, num bairro diferente os bombeiros tinham que entrar em acção. Uma explosão se dera numa drogaria, que ficara destruída.

No primeiro andar foram descobertos os corpos de Harry e do dentista e salvos das chamas. Colocados um a par do outro num carro de ambulância, este pôs-se imediatamente a caminho do mais próximo posto de polícia.

Ao chegar próximo dali, com grande espanto dos guardas o den-

tista ergueu-se, olhou em torno e, cobrando ânimo e recuperando a memória, compreendeu o que se passara. Voltando-se para os guardas, exclamou:

— Perdi os sentidos e trouxeram-me para aqui! Julgavam que eu estava morto, não é verdade? Mas, como vêem, estou bom e, portanto, permitam-me que vá a minha casa ver se consigo salvar alguns objectos de valor que lá tenho.

Nesse momento, Harry, voltando também a si, perguntou:

— Que há? Que foi que aconteceu?

Mas ao ver-se nas mãos do dentista, que o olhava espantado, o jovem ajudante de Sherlock Holmes de um pulo saltou para a rua e deitou a correr como se o perseguisse uma legião de demónios.

Chegou ofegante a Scotland Yard e dirigiu-se imediatamente ao gabinete do inspector.

Contou com todos os pormenores o que se passara em casa de Dingsdaale, as suas suspeitas, a tentativa de estrangulamento, sem omitir a mínina particularidade.

— Tem a certeza do que diz senhor Taxon?—perguntou-lhe o inspector.—Note que o dentista é pessoa altamente cotada.

— Quero que me cortem o pescoço se dentro de uma hora aqui não voltar com as provas do que acabei de dizer e veremos então se se atreve a duvidar das minhas palavras. É um dos autores dos roubos e arrombamentos misteriosos que tanto nos têm preocupado.

O inspector ordenou a alguns agentes que se dirigissem ao local do incêndio e capturassem o afamado dentista.

No entanto, este voltara para trás,



mas não conseguira atravessar a compacta multidão que se reunira em frente de sua casa.

Ao notar os esforços que ele fazia para afastar os grupos, um agente uniformizado que falava com dois indivíduos à paisana dirigiu-se-lhe, perguntando-lhe bruscamente:

— E' o senhor Dringsdaale?

— Sim, e desejo entrar em minha casa, a fim de ver se salvo alguns documentos de valor.

Um dos que falava com o agente interveio:

— Está preso em nome da lei.

Dringsdaale ficou durante um momento sucumbido. De súbito, porém, dando uma pancada violenta no estômago do captor, que caiu com o inesperado ataque, correu para sua casa, procurando outra entrada. Conseguiu penetrar no vestibulo, mas nesse momento desabou com enorme estrondo uma parede, soterrando-o nos escombros.

Acudindo rapidamente, os bombeiros salvaram o facinora, que foi conduzido para o hospital.

Os ferimentos, porém, que tinha recebido eram gravíssimos. Os órgãos principais tinham sido atingidos. Pouco tempo lhe restava de vida. Harry soube assim que Sherlock Holmes corria perigo imminente. Como um louco, o jovem dirigiu-se para o palácio Melbourn em procura do mestre.

## IX

### O «rico» australiano

ENQUANTO estas cenas se passavam, no sumptuoso palácio do doutor Quagglelas, estavam reunidos dois homens, em animada con-

versação, apesar de falarem em voz baixa.

— Que dizes? Fielertown atraí-coa-me? — perguntava o célebre médico com um olhar, em que transparecia uma expressão de indefinível crueldade, via-se que aquele homem perante coisa alguma recuaria para saciar os seus instintos ferozes.

— Sim, atraí-coa-te — respondeu o interpelado, homem baixo, de aspecto doentio.

— Provas, provas!

— Sabes o que ele está fazendo a esta hora?

— Sei. Deve ter roubado o palácio do velho lorde Melbourn, depois de o assassinar.

— Nada mais?

— Porque fazes essa pergunta?

— E do rapto da filha, de lady Mauth, nada te disse?

— O quê, o quê? Falaste num rapto?

— Falei e repito: que te dissê ele do rapto de lady Mauth?

— Nem em tal me falou.

— Pudera! O que ele quer é enganá-los. Não conhecem bem Fielertown, aqui não é a Austrália. Os ladrões de Londres julgam-se mais finos que os seus colegas.

— E a prova está em que ele não te conhece, a ti, meu antigo companheiro enquanto para mim não tem a vida dele segredos.

— Julgas isso?

— Não julgo só, tenho a certeza. Norik lida com alguém mais fino do que ele. Crê enganar-me, mas eu não sou Dringsdaale.

— Ora, hora! Que supões então que ele quer?

— A pergunta não deixa de ter graça! Quer enriquecer, como todos nós queremos, servindo-se para isso

de todos os meios, sejam eles quais forem. Mas há mais: sabes que os meus estudos me têm auxiliado poderosamente no estudo dos caracteres. Pois bem Norik Fieldertown, embora fosse archi-milionário, nunca deixaria de ser um criminoso. O crime é para ele uma segunda natureza.

— Por isso mesmo, deves acautelarte. Logo que possa, desfar-se-á de ti, como se tem desfeito de todos.

— Não creio. Tenho-o auxiliado tanto e tão bem que me deve uma certa gratidão.

— Pois crês que Norik possa ser grato a alguém?

— Porque não?

— Ah, ah! Ingénuo que acreditas na gratidão dum bandido como aquele!

E o interlocutor do médico soltou uma gargalhada.

Em seguida continuou:

— A prova de quanto ele é grato tiveste-a por ocasião da sua última evasão. Lembra-te do que fez aos dois presos que tão poderosamente o auxiliaram.

— O que foi que ele fez?

— Não o sabes?

— Não.

— Envenenou-os.

— Como?

— Por meio de charutos que lhes ofereceu.

— Como o soubeste?

— Como sei tudo quanto quero saber.

— És um homem deveras extraordinário!

— Não te tenho dado provas disso? Tens-te dado mal com os meus conselhos?

— Não, e por isso, sabes que te sou dedicado. Há apenas um ponto em que não estamos de acordo. Por-

que não queres que Norick saiba da tua existência?

— Parvo, que não vês que é exactamente nisso que está a tua superioridade, pois que, ao passo que ele desconhece a tua força, tens a vantagem de, por intermédio de mim, saberes tudo quanto ele faz!

— Sim, tens razão. Mas, dize-me: como consegues isso?

— É o meu segredo.

— Porque mo não revelas?

— Tão tolo não sou eu. Basta-te saber que quando quero conseguir qualquer coisa isso me é fácil. Verdade seja que por vezes tenho que gastar muito, mas quem quer alcançar os fins tem que procurar os meios. A propósito, tens dinheiro?

— Tenho. Quanto queres?

— Preciso dumas quinhentas libras.

— Urgentemente?

— Sim.

— Diabo — disse o médico — Não será demais? Olha que o cofre não está lá muito recheado.

— Meu velho, quem é rico como tu fazer questão duma bagatela!

— Rico, rico! — murmurou o bandido — Bem sabes que o não sou. Norik gasta e faz gastar à larga, não se lembrando que os fundos se esgotam.

— O saque desta noite dar-lhe-á fundos para fazer face às despesas durante algum tempo.

— Julgas então que o roubo no palácio Melbourn lhe rendeu muito dinheiro?

— Mais do que podes supor. Mas o que ele projecta fazer ainda mais dinheiro lhe dará. O que não sei é se tu beneficiarás com isso.

— Já há bocado falaste nesse projecto. Não poderás pôr os pontos nos ii? Que é que Norik tenta?



— Nada mais, nada menos que casar com *lady* Mauth!

O *médico* deu um pulo.

— Hein? — exclamou ele — Que dizes tu?

— Casar com *lady* Mauth! — repetiu ele.

— Tu estás doido?

— Parece-te?

— Pode lá ser! Norik casar! Havia de ter graça.

— Se tem graça ou não, não o sei. O que é verdade é que a esta hora, pouco mais ou menos, um padre deve estar a abençoar a união dos dois *pombinhos*.

— Impossível!

— Porquê?

— Porquê? Pois Norik pode lá agradar a uma mulher de alta sociedade? Um bandido como aquele!

— Esqueces-te de que, para *lady* Mauth Melbourn, ele não é o bandido Norik Fieldertown, mas sim o secretário particular de seu pai, o sedutor Swintpaintner!

— É verdade, nem de tal me lembrava. Dizes então que deve a esta hora ter casado com a *lady*?

— Sim. Se o casamento não está já realizado, deve estar muito próximo a realizar-se.

— Onde?

— Na taberna do *cão*.

— Tens a certeza do que afirmas?

— Absoluta.

— E depois?

— É fácil de deduzir. Casado e morto o lorde, Norik ficará senhor de uma das melhores fortunas de Londres.

— Esqueces-te de que terá de a repartir com o cunhado, o irmão de Mauth, esse estroina que o velho lorde pôs fora de casa.

— Que ingénuo me saíste! E' então muito difícil a Norik desfazer-

-se do cunhado? E de mais a mais quando aquele que se quer suprimir perde as noites em orgias.

— Tens razão.

— Sempre a tenho.

— Que consequências trará para nós o casamento de Norik? Não será ainda melhor para mim e Dingsdaale o trabalharmos com um homem opulento, de que ninguém desconfiará? Parece-me que temos tudo a lucrar.

— Queres um conselho?

— Dize. Bem sabes que te dou sempre ouvidos.

— No teu caso, acautelava-me. Norik não é homem que cumpra lealmente o que promete. Pode ser que me engane, mas vocês, tu e Dingsdaale, precisam ter o maior cuidado. Só se não puder é que ele se não descartará de vocês.

— Que devo então fazer?

— A primeira coisa é disfarçares-te e ires ver se ele casou ou não.

— Depois?

— Depois veremos. Vai vestir-te e sairemos juntos.

— Volto já.

É o *médico* levantou-se.

— Antes, porém, dá-me o dinheiro que há pouco te pedi. Preciso absolutamente ainda esta noite dele.

O doutor Quagglegas dirigiu-se a uma secretária que abriu e tirou dez notas de cinquenta libras, que estendeu ao seu cúmplice.

— Dir-se-ia que te custa a largar este dinheiro das mãos.

— Porque com pouco mais fico!

— Descança, que em breves dias nadarás em ouro.

Os olhos do *médico* cintilaram.

— Tens algum projecto em mente?

— Melhor do que um projecto, absoluta certeza do que afirmo. Um golpe de mão audacioso, que, a ser

bem sucedido, nos porá ao abrigo das vicissitudes e nos dará quanto quisermos. Falaremos com mais vagar; agora vai vestir-te para sairmos. Precisas primeiro que tudo ir ver o que Norik está a fazer.

— Precisamos então de Norik?

— Pois supões que, se assim não fosse, não o teria já suprimido? Ele julga-se mais forte, mas na sombra velo eu e sou eu que dirijo os acontecimentos.

O *médico* dirigiu-se para um gabinete contíguo à sala onde acabava de se passar esta conversação.

\*

Quando daí a um quarto de hora, aproximadamente, o doutor Quaglegas tornou a aparecer, ninguém seria capaz de reconhecer o elegante arquimilionário australiano, o homem que tinha entrada nos melhores salões de Londres.

Era um bandido que ali estava, mas não um bandido de casaca e luva branca, antes um desses frequentadores assíduos do bairro de Whitechapel, o mais mal afamado da grande capital inglesa.

O doutor era hábil em caracterisação.

— Bem — disse ele — agora vamos sair pela escada particular que só nós conhecemos.

— Vamos!

Com uma certeza que provava que não era a primeira vez que seguia aquele caminho, os dois homens atravessaram uma sala que estava também às escuras e o doutor, carregando num determinado sítio duma das paredes, fez com que se ouvisse um pequeno estalar.

Parte da parede girou sobre si

mesma, deixando a descoberto uma abertura. O doutor, tirando do bolso uma lanterna eléctrica, fê-la funcionar, iluminando os primeiros degraus duma pequena escada.

Daí a momentos os dois bandidos tinham desaparecido.

A parede voltara à anterior posição.

As consequências dessa sortida nocturna deviam ser desagradáveis para Sherlock Holmes, a quem, nesse momento, Harry Taxon ia tentar libertar do perigo iminente que corria.

## X

### O casamento na taberna

QUASE na mesma ocasião em que lord Melbourne saía de Scotland Yard, depois de saber que era falsa a chamada, parava junto da taberna onde se desenrolaram os acontecimentos anteriormente narrados um automóvel.

Do veículo saiu um homem acompanhado por uma dama, cujo rosto ia coberto com um espesso véu.

— Onde estamos e que é feito do senhor Swintpaintner? Que significa tudo isto?

O homem, porém, sem dar atenção alguma a tais perguntas, aproximou-se da porta, e abrindo-a, disse em tom amável:

— Peco-lhe, *lady* Melbourne, que entre com a maior confiança. Aqui, não podemos conversar. O senhor Swintpaintner dar-lhe-á as necessárias explicações. Recebi o encargo de a acompanhar até aqui e sei apenas que os espera um padre.

*Lady Mauth* ao entrar na casa



sentiu uma sensação de receio inexplicável.

Aguardava-a na escada uma velha que parecia meio idiota e a jovem *lady* percebeu, que ela estava embriagada.

A velha abriu a porta dum quarto, no primeiro anda.

— Chame o senhor Swintpaintner, porque quero falar-lhe imediatamente — ordenou *lady* Mauth em tom resolutivo.

A velha, colocando-se em frente da porta, retorquiu:

— Então, então! Já vais falar ao teu amante, pombinha! Não podes esperar, estás apaixonada? Sim, sim, esse Fielder, isto é, esse Swintpaintner é um bom patife. Na minha opinião...

A velha não pôde continuar, porque um pulso vigoroso, agarrando-a pelo queixo, afastou-a da porta.

Fechando a porta, Fieldertown entrou no quarto, no meio do qual, em pé, presa de grande agitação, estava *lady* Mauth.

— Desculpa-me, minha querida Mauth, por te ter exposto a ouvires as baboseiras desta velha. É minha parente e a única pessoa em quem deposito absoluta confiança.

Mauth deu alguns passos e exclamou, em tom soluçante:

— Jaime, para onde me trouxeste? Que relações pode haver entre ti e tal mulher? O que deve...

— Querida Mauth — atalhou o bandido — não me faças perguntas a que não posso neste momento responder. Mais tarde saberás tudo e verás que te não menti. Vem. Arranjei com muito custo um padre para celebrar o nosso casamento.

Mauth sentia uma angústia indizível confranger-lhe a alma. Desde

que abandonara a casa paterna, essa sensação atormentava-a.

O bandido levou-a para outro quarto, onde tudo fora preparado para a cerimónia que ia realizar-se. A um canto via-se um improvisado altar, onde ardiam dois círios.

Nele se fitaram os olhares dos dois recém-chegados. Deparou-se-lhes um espectáculo singular. Numas das extremidades do altar estava um padre envergando as vestes sagradas e esvasiando uma garrafa de vinho.

Deu-se, porém, um incidente inesperado.

Mauth compreendeu de súbito que dera um passo em falso. Quando o padre, avançando, lhe pegou na mão, ela repeliu-o e, dirigindo-se àquele que a convencera a vir ali, disse-lhe em tom resolutivo:

— Quero sair daqui. Acompanhe-me já a casa de meu pai.

Mauth correu para a porta, abriu-a e clamou por socorro. Fieldertown num pulo estava a seu lado, e agarrando num pano tapou-lhe a cabeça.

Depois, pegando nela em peso, levou-a para cima dum pequeno sofá. Em seguida dirigiu-se para a porta, a fim de fechá-la.

Ao voltar-se, viu que o falso sacerdote tirara o pano e aconselhava a Mauth a maneira de se defender. Apoderou-se dela um furor selvagem. Dirigindo-se ao altar, pegou num pesado castiçal e atirou-o à cabeça do falso padre.

O homem caiu, soltando um grito, com o crânio fracturado.

Mauth, refeita do seu primeiro impulso, soltando um grito de pavor, tentou fugir.

Mas Fieldertown após uma curta luta, ela estava por completo à mercê do sinistro bandido.

## XI

**A vingança do taberneiro**

**D**EPOIS de atravessarem o corredor secreto e terem desembocado na igreja para onde ele tinha saído, os subordinados de Fieldertown tinham metido Sherlock Holmes num carro, que se puzera a caminho com toda a rapidez.

Ao chegarem à taberna, encontraram estendida no fundo da escada a velha que fora impelida tão rudemente por Fieldertown e que os informou do que em cima se passava. Eles abandonaram o criminalista e saíram.

Sherlock Holmes fez esforços para falar, mas a mordaca que lhe havia sido posta impedia-o de tal. A velha condoendo-se da situação em que ele se encontrava tirou-lha.

O criminalista agradeceu-lhe e perguntou-lhe em tom persuasivo:

— Quer vingar-se do patife que a arremessou brutalmente pela escada?

— Como poderei fazê-lo? — suspirou ela — Nem sequer me posso mexer; aquele maldito quebrou-me as costelas.

— Desamarre-me os pés e as mãos e prometo-lhe que a hei-de vingar.

A mulher arrastou-se para junto do prisioneiro e conseguiu desamarrar-lhe as mãos.

Sherlock Holmes conseguiu em breve recuperar a liberdade de movimentos. Mal se tinha posto de pé, a porta abriu-se de súbito, entrando os bandidos de roldão.

Holmes levou as mãos aos bolsos. Felizmente, ninguém se tinha lem-

brado de o revistar e por isso encontrou os seus revólveres. Puxando por eles, avançou resolutamente ao encontro dos facínoras, que, ao vê-lo, exclamaram:

— O maldito conseguiu livrar-se das cordas e agora conhece os nossos segredos! Vamos a ele, matemo-lo.

Uns armados de facas, outros de revólveres, arremeceram-se contra o criminalista, o qual compreendeu que estava perdido se não se batesse valentemente.

Quando um dos facínoras chegou ao seu alcance, Sherlock Holmes disparou contra ele.

Os celerados recuaram até à porta e Fieldertown, ao ouvir, em cima, a detonação, desceu apressadamente a escada.

Reconheceu à primeira vista que falhara o seu plano de fazer ir pelos ares o taberneiro e os restantes membros da quadrilha, devido a uma circunstância que ignorava.

Enquanto Sherlock Holmes continha em respeito os que o atacavam, o chefe da quadrilha subia apressadamente e agarrando no braço de *lady Mauth* tentou alcançar a escada que dava para o pátio. A porta que dava acesso para essa escada estava, porém, fechada,

Reflectiu um momento, depois arrombou a porta. Nesse instante, ouviu a voz do dono da taberna. Procurando um esconderijo, dirigiu-se para uma grande capoeira, cuja porta estava aberta.

Abandonou a ideia que lhe ocorrera e dirigiu-se para uma cocheira onde se não via um palmo adiante do nariz.

Abandonando a sua vítima, tentou fechar a porta sem ruído.



Sentiu que alguém de fora a empurrava tentando entrar.

Empregando os maiores esforços, conseguiu correr o ferrolho.

Acendendo um fósforo, analisou o sítio onde se encontrava, mas recuou dois passos.

Junto dum feixe de palha jazia o cadáver do velho maltrapilho, pai do taberneiro, horas antes por ele assassinado.

Fieldertown deixou apagar o fósforo e não teve ânimo para acender outro, pois o espectáculo era aterrador.

Aguardou os acontecimentos.

Ouviu os seus antigos subordinados vociferarem contra ele, profirindo toda a espécie de improperios.

★

No pátio passara-se outra cena diferente.

Atónitos a princípio por verem cair ferido um dos seus, os bandidos depressa recuperaram ânimo e precipitaram-se sobre Sherlock Holmes, a quem consideravam um inimigo terrível.

A porta de repente abriu-se e no limiar apareceu o taberneiro.

Holmes aproveitou a ocasião. Dando um salto ao mesmo tempo que disparava de novo o revólver, o criminalista enfiou pela porta e desapareceu no meio da viela.

Preparavam-se para o perseguir, quando se ouviu a voz da velha, clamando:

— Olhem que o mascarado lhes fogé!

Voltaram-se todos e levando à frente o taberneiro correram em perseguição de Fieldertown.

★

Encerrado na cocheira, no meio das trevas, o bandido respirou um pouco.

Escutando atentamente, percebeu que arrastavam para junto da porta objectos pesados, que a ela encostavam.

Compreendeu.

— Querem encerrar-me aqui — pensou ele.

Depois de meditar um pouco, acendeu de novo um fósforo para ver se haveria outra saída, por onde pudesse fugir.

Nesse momento, *lady Mauth* soltou um grito lancinante, grito que infundiu pavor ao bandido, o qual deixou cair o fósforo aceso.

A sua atenção voltou-se para a jovem que, tendo voltado a si, soltara esse grito, ficando a tremer de susto.

Tinha avistado o cadáver.

De súbito, a palha incendiou-se, tomando em poucos momentos o incêndio proporções enormes.

Fieldertown, tendo plena consciência do perigo, correu o ferrolho, tentando abrir a porta, mas esta não cedeu.

A barricada arranjada pelos seus antigos subordinados cortava-lhe a saída.

Outra descoberta que fez aterrou-o. Não era só a cocheira que ardia. Todo o edifício era pasto das chamas.

Os bandidos tinham resolvido matar assim o seu inimigo.

O taberneiro dissera:

— Esse *cavalheiro* queria que morrêssemos ou queimados, ou por meio de uma explosão. Vamos nós dar-lhe aquilo com que ele nos

queria presentear. Vai morrer assado!

Tais palavras tinham sido aplaudidas e haviam posto imediatamente mãos à obra.

O pátio parecia deserto, bem como a imunda taberna. Pouco depois, no telhado da cocheira surgiu uma cabeça e logo após um rosto, que não se assemelhava de forma alguma a um rosto humano. Em seguida apareceu um braço.

Era Fieldertown que, abandonando cobardemente a sua desgraçada vítima, descobrira aquela fresta e tentava assim escapar à morte horrível que sabia que o esperava.

Mas, avistando uma pessoa no pátio, de novo desapareceu.

Com efeito, dois vultos tinham aparecido por cima da porta gradeada que dava para a viela.

— Depressa, Harry, deixa a entrada livre. Aposto em como não é só aquele patife que tenta fugir lá por cima. A jovem *lady* deve tentar também salvar-se. Vamos a isto.

E, metendo ombros à empresa, os

dois corajosos polícias amadores trataram de desfazer a barricada que fora erguida, sem se importarem com o fogo. Abriram a porta e entraram, apesar do asfixiante calor e das chamas enormes que de todos os lados se envolviam, tolhendo-lhes o passo.

Os seus esforços foram coroados de resultado. *Lady* Mauth jazia, imóvel, junto da porta, e dava sinais de vida.

O rosto estava voltado para baixo. A essa feliz circunstância devia a pobre senhora não ter morrido asfixiada.

Trouxeram-na para fora, estendendo-a sobre um banco, onde, daí a pouco voltava a si.

Os bombeiros acorriam. Nada puderam salvar do miserável edifício, que foi por completo pasto das chamas.

A cocheira tinha desabado pouco depois de Mauth ter sido salva, soterrando nos seus escombros o temível bandido Fieldertown, o flagelo e o terror de Londres.

No entulho foram encontrados dois esqueletos. Eram o do pai do taberneiro e o do seu assassino.

FIM





# O Enigma de Stoke-Moran

é a novela N.º 1 da

## COLECÇÃO POLICIAL

das mais extraordinárias

## AVENTURAS DE SHERLOCK HOLMES

descritas pelo célebre escritor inglês

**A. Conan Doyle**



Não deixe de ler as novelas que se seguem,  
onde são narradas as mais empolgantes  
aventuras repletas da maior audácia e  
temeridade.

Cada número, constando de uma novela completa... 2\$50



BIBLIOTECA AGRÍCOLA

HENRIQUE TORRES — EDITOR

Rua de S. Bento, 279-1.º — LISBOA

TELEFONE 6 0530